

PROPOSTA DE UM PROJETO DE PESQUISA:

UMA ESCOLA

ALTERNATIVA

PARA AS ÁREAS

INDÍGENAS: OS PALIKÚR

E OS WAIAPI

COORDENADOR: Eneida Corrêa de Assis, Profa. Adj. do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal do Pará.

PESQUISADOR: Adão Bacheга, Prof. Assistente do Departamento de Física da Universidade Federal do Pará.

CONSULTOR: Bernadete A. Gatti, PHD Fundação "Carlos Chagas" São Paulo

Eneida Assis é professora de Antropologia na Universidade Federal do Pará. Formada em História pela mesma Universidade, fez Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de Brasília. Tem trabalhado desde 1974 com sociedades indígenas particularmente os grupos Galibi, Palikúr e Karipúna (área do Uaçá-Oiapoque) no Território Federal do Amapá. O estudo sobre o papel da escola em áreas indígenas e as influências que esta pode exercer sobre a educação dos grupos tribais, tem sido a preocupação básica de seu trabalho. Atualmente se dedica também ao Estudo dos Movimentos Populares, na cidade de Belém.

UMA ESCOLA ALTERNATIVA PARA AS ÁREAS

1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo propor uma escola alternativa para as áreas indígenas, considerando que o atual sistema de ensino aplicado às escolas que ali existem, apresentam um índice muito baixo de aproveitamento.

A atual escola para grupos indígenas tem redundado num grande fracasso. A instituição não está interessada em melhorar a compreensão e o modo de vida desses grupos porém em destruí-los.

A sua presença é apenas uma justificativa da "universalização do ensino", mas na medida em que não atende às necessidades concretas dos grupos envolvidos, cumpre o seu papel de marginalizá-los ou de colocá-los na estrutura social para cumprir papéis definidos pelas classes hegemônicas. O que sem dúvida, vem fundamentar o fato de que a escola é selecionadora social pois o mesmo "insucesso" é encontrado entre as populações mais pobres das periferias urbanas e rurais.

No caso particular das escolas em áreas indígenas o problema é agravado mais ainda pelo fato de estar-se lidando com sociedades etnicamente diferentes da sociedade nacional. Assim considerado, o ensino monolíngue e o tipo de escola que se impõe, evidencia a educação como dominação.

Diante disso, essa pesquisa busca investigar via educação dos grupos estudados, um tipo de ensino que possa aproveitar a tradição educacional dos mesmos, permitindo que se repense uma outra forma de educação que atenda aos interesses dos grupos envolvidos.

Essa proposta nos leva à várias indagações como por exemplo:

- a) Pode haver uma escola indígena diferente das que existem?
- b) Como deve ser essa escola?
- c) Os grupos estarão interessados numa escola diferente?
- d) Como reagirão grupos com uma tradição escolar já existente diante de uma proposta dessa natureza?
- e) Que tipo de escola os grupos podem propor?

A partir do momento em que a pesquisa definir mais amplamente como deva ser uma escola para os grupos tribais, os objetivos propostos nesse projeto poderão ser melhor delineados.

1.2 - Estudos sobre Educação Indígena

O estudo do Sistema Educacional aplicado às escolas em áreas indígenas, parece ter sido relegado a um plano secundário, não somente por aqueles que detêm o poder de decisão sobre essas minorias, como também por aqueles que têm nessas populações seu objetivo de preocupação.

Um estudo sobre o tipo de educação que está sendo aplicado às sociedades tribais, considerando as condições de uma região em transformação como é o caso da Amazônia, parece-nos de importância crucial. Ainda são poucos os trabalhos sobre educação em tribos indígenas, mesmo entre a literatura antropológica, preocupando porém cada vez mais um maior número de especialistas. Existem alguns pontos em comum entre os autores que tratam sobre educação indígena que podem ser resumidos no seguinte:

- A forma indígena de educar não provoca rupturas no processo de socialização desses indivíduos.
- Os padrões de educação tradicional são afetados pelo contato.
- A educação formal ignora os padrões de educação dos grupos tribais.
- A educação nacional é um instrumento de dominação das populações indígenas.

Há necessidade de estudos sobre educação indígena.

Por outro lado, a divergência entre esses autores está na forma de abordagem dada à questão educacional. Podemos considerar dois tipos de abordagens: a primeira é a que enfatiza a forma de ensino nas sociedades indígenas e a maneira como esta se processa de acordo com o ciclo de vida do indivíduo, assim como, os efeitos que a educação escolar podem causar nos grupos tribais.

Nesse sentido, esses autores veem a escola e toda a bagagem escolar como instrumento de dominação. Nessa linha de análise pode-se citar os trabalhos de Florestan Fernandes (1977), Bartomeu Meliá (1978), Sílvio Coelho dos Santos (1975) e de Luís Felipe Baeta Neves (1978). Uma apreciação sucinta sobre cada um desses autores poderá respaldar melhor a proposta desse projeto.

O primeiro deles é o artigo "A Educação numa Sociedade Tribais", onde se refere à educação na sociedade Tupinambá. Na primeira parte do artigo, Florestan Fernandes trata sobre a pessoa nas sociedades tribais, onde diz que esta, não está submersa, sufocada e destruída no todo; sua realização é feita na medida em que se "integra" dinamicamente numa totalidade psicossocial e sociocultural envolvente ou confluyente (F. Fernandes, 1977). A segunda parte do artigo trata particularmente da educação Tupinambá, onde a base educativa era assimilar o indivíduo à ordem tribal sem destruir suas realiza-

ções como pessoa.

Apesar de haver uma intensa intervenção da sociedade sobre os indivíduos, esses tinham condições de auto-realizar-se, pois a estrutura Tupinambá convertia a educação em meio de mobilização e de utilização de quaisquer aptidões individuais que fossem elaboráveis social e culturalmente.

O texto de Meliã tem a intenção de realizar um paralelo entre as formas de educação em uma sociedade indígena e a imposição de uma educação "nacional" através da alfabetização. Mostra inicialmente, que o processo educativo nas sociedades indígenas, apresenta tantas diferenças em relação a educação nacional, que essas sociedades muitas vezes, foram consideradas como desprovidas de educação, o que conduziria a uma necessidade de se dar uma educação ao indígena. O ponto alto do trabalho de Meliã diz respeito à crítica que faz à alfabetização, entendida por ele, como tendo um duplo papel, isto é "sendo assimiladora etnocêntrica" e também "necessária".

O trabalho de Baeta Neves, apesar de se referir à ideologia da conquista religiosa levada à efeito pelos jesuítas, pode ser à nível de análise - atualizada, em vista, dos mecanismos utilizados pela Igreja serem os mesmos, da mesma maneira como a escola e a Missão atual trilham o mesmo caminho.

A respeito dessa atualização, diz Baeta Neves "... a Antropologia Cultural lançou uma suspeição teórica definitiva sobre qualquer forma de centramento. É um dos mais perniciosos modos de introdução de centramento, é aquele que confunde um determinado tempo cronológico com todos os demais, reduzindo estes à uma única linearidade de sucessões, onde o presente é apenas aquilo que se oferece fisicamente ao nosso olhar".

Dentro dessa linha de raciocínio, mostra que a catequese, foi um dos mecanismos utilizados pela ideologia da conquista, porque apesar do caráter "católico" de que se revestiu, houve implicações políticas em seu todo. Segundo o mesmo autor, "o mundo", apesar de tudo é "cristão": é uma realidade material feita por Deus e que os homens - e particularmente os sacerdotes - não têm o direito de ignorar. Uma possível "ignorância" teria efeitos letais para uma cristandade que tem de encarar um duplo desafio: o da perda de territórios tradicionais (pela Reforma) e o aparecimento de novos territórios (pelos descobrimentos).

Dessa forma é necessário conquistar esses homens dessas novas terras e conservá-los, daí, a ideologia da catequese ter como objetivo difundir a Palavra. Porém como discute o autor, os jesuítas querem ler e limpar o texto sagrado de possíveis profanações ou leituras ardilosas, onde as línguas exóticas faladas por esses índios podem ser um traço indicativo do domínio de Lucifer. Diante disso, é necessário homogeneizá-los: "apagam-se as diferenças culturais tribais e as diferenças inter-individuais" (ibid). Nesse aspecto a escola e a missão jesuítica tem muito em comum - a homogeneização é uma das metas a que se destina a escola atual.

O segundo tipo de abordagem é que dá ênfase à educação bilíngüe, como sendo uma forma de atender aos interesses das sociedades tribais. Nesse sentido destacamos o trabalho de Nancy Antunes Tsupal (1978), e o de Isabel Hernandez (1981). O trabalho de Tsupal desenvolvido entre os Karajá e Xavante privilegia o ensino bilíngüe, e mostrando que o bilíngüismo vem tomando vulto em função do fenômeno migratório e existência das minorias étnicas. Diz ela, que em vista disso, surge a necessidade de "garantir não a preservação das línguas, como a Educação através delas" (ibid). Sobre isso diz Sigardo & Sigardo (1975 apud Tsupal 1978: 30), "a educação bilíngüe estabelece a necessidade de ensinar em duas línguas enfatizando o valor de cada cultura para uma melhor compreensão das características históricas e as idiossincrasias em ambos os grupos.

A necessidade de uma legislação que atenda as minorias étnicas, é reclamada pela autora, quando comenta a educação bilíngüe e a Lei da reforma educacional dizendo "a Lei da reforma educacional de 1971, ainda que pese bem feita em muitos aspectos, omite qualquer referência às populações de minoria notadamente, dos indígenas. O seu artigo 1º e o parágrafo 2º, reza que os dois graus de ensino devem ser ministrados obrigatoriamente na língua nacional. Nada acrescenta, porém ao ensino bilíngüe, imprescindível àquelas populações de minoria com suas características peculiares, e prossegue dizendo, que as escolas bilíngües vão funcionando seguindo seu ritmo "com relatórios mensais, mas sem demonstrar o aproveitamento dos educandos e a problemática decorrente" (ibidem).

O trabalho de Isabel Hernandez pode ser considerado como o resultado de uma experiência entre os Mapuches no Chile. Baseia-se no bilíngüismo "la tente", isto é, que tem raízes históricas diferentes, ou seja, correspondente, aos dialetos já existentes à chegada do invasor europeu. Seu método se baseia na fala do índio marginalizado, empobrecido e rebelde.

O método de alfabetização, utiliza um recurso concientizador que prevê a retirada do indivíduo do obscurantismo em que o colocou o invasor europeu. Baseado nos procedimentos gerais do método psicossocial de Paulo Freire, a alfabetização propõe criar procedimentos novos de ensino, cujos objetivos principais consistem em "incentivar a participação massiva dos alfabetizando e facilitar o aprendizado da leitura e escrita de ambas as línguas (Hernández, 1980: 55).

A alfabetização é iniciada com a palavra mapu (terra), e outras demais palavras geradoras (num total de onze em mapundungun e castelhano). Por meio de uma combinação silábica orgânica, consegue-se que nessas palavras se possam condensar todas as letras de ambos os alfabetos. "As palavras geradoras dão motivo para discussões e reflexões que despertam a consciência e a mobilização em direção à mudança por meio de uma estruturação por unidades de trabalho, que vai desde o interesse básico do camponês indígena: a terra, a casa e a família (Primeira, Segunda Unidade de trabalho), passa pelos problemas de produção que lhe concernem diretamente (Terceira Unidade de traba-

lho), e culmina com a análise das causas de sua situação de classe específica e os meios de superá-la (Quarta Unidade de trabalho) (ibid). O que Isabel Hernandez pretendeu com seu trabalho foi propor uma escola que construísse, como disse Ovide Menin "ao menos um pouco na tarefa de libertação dos povos pobres (ibid).

1.3 - Tratamento Teórico

A educação ofertada às populações tribais apresenta duas faces: a relação direta que possui com as diretrizes estabelecidas pelo sistema educacional, que é como falamos inicialmente, de marginalização dos indivíduos, e a segunda, a relação com a política integracionista estabelecida pelo Estado e veiculada através do próprio órgão protetor.

Considerando que o problema em questão se insere no campo sociológico e no campo educacional, optou-se por adotar a teoria sociológica do contato com o pano-de-fundo para o problema em pauta, no entanto, existem três movimentos dentro da linha de pesquisa adotada.

a) O primeiro movimento é a própria teoria do contato, ou seja, cabe a ela esclarecer como se dá a ação da sociedade nacional sobre as sociedades tribais, e as transformações que são operadas nessa mesma sociedade. A educação no caso, serve de instrumento para a integração dessas populações na sociedade nacional. Como porém, ela não dá conta, das especificidades da educação, particularmente no sentido em que ela está sendo vista neste projeto, ou seja, de uma educação alternativa, partiu-se para o segundo movimento.

b) Neste segundo movimento, ligado mais especialmente à educação, pretende-se a partir de estudos sobre a educação informal dos grupos, perceber o que seria uma escola para esses grupos e como seria possível viabilizar uma escola que se adequasse às respectivas realidades.

c) O terceiro movimento teria um caráter mais específico. Trata-se de estudar as estruturas mentais de pensamento através da evolução de conceitos. Estudando a "Ciência do Concreto" dessas populações, acreditamos que venha favorecer a compreensão não apenas das noções que esses indivíduos têm dos objetos e das coisas, como também possa favorecer a elaboração do material didático a ser usado nessas escolas.

Pretende-se com o desdobramento do problema nesses três movimentos, dar conta do objeto da pesquisa sem correr o risco de fracioná-lo. Trabalharemos com a teoria do contato proposto por Roberto Cardoso de Oliveira, no sentido em que este entende o contato entre duas sociedades etnicamente diferentes como tendo as mesmas, uma relação de sujeição-dominância, e assim considerado, essas relações são contraditórias, isto é, porque a existência de

uma tende a negar a outra. Neste sentido, a noção de etnia é a característica básica do contato que se efetua.

No que diz respeito à educação, nós o faremos à luz do método de Paulo Freire, o que não significa dizer que iremos aplicar o método em questão, mas a sua experiência no sentido de "aprender primeiro, ensinar depois e continuar aprender ensinando". Significa dizer, que a pesquisa busca investigar através dessa postura, metodologias aplicáveis ao caso indígena.

Para o estudo das estruturas mentais de pensamento, adotaremos a proposta piagetiana no que tange ao desenvolvimento do pensamento da criança, obedecendo as devidas peculiaridades das culturas que se vai estudar, assim como, do próprio processo educativo a que se submetem os indivíduos numa sociedade tribal.

Da mesma forma que agimos com o método Paulo Freire, nós o faremos em relação à proposta de Piaget. Ela servirá de fio condutor para a orientação desses estudos, atendendo porém as especificidades de cada caso ou sociedades.

2 - JUSTIFICATIVA

Durante os meses de fevereiro/abril de 1980, realizamos uma pesquisa entre os Galibí e Karipúna (Município de Oiapoque, T. F. do Amapa), onde procuramos examinar o papel da escola entre as populações indígenas acima citadas, considerando estarem elas numa área de fronteira internacional, e, portanto, uma zona de segurança nacional.

Por estarem essas populações sob a influência dos governos francês e brasileiro, e, por conseguinte, serem disputadas pelos dois países, a escola é vista como um instrumento de que lança mão o governo brasileiro nessa disputa.

Nesse sentido, consideramos que em dadas condições, a escola exerce um outro papel que vai além da função de reprodutora do comportamento nacional, mas que ela exerce também uma ação política, ou seja, a de abasileirar uma população que tendo sua cultura própria, é também suscetível à influência de uma cultura estrangeira, no caso, a francesa. Diante disso, consideramos a escola uma frente ideológica.

Partindo de uma descrição do modelo de educação tradicional dos grupos estudados, procuramos ver o conflito que surge com a introdução dos valores escolares e, dessa forma, a análise de seu Currículo, Programas, horários e atitudes comportamentais esperadas pelos professores e alunos, foi vista como uma maneira de "ver por dentro" da escola, permitindo assim, uma me-

lhor análise do tipo de escola que funciona nas áreas indígenas, i.e., quais suas falhas, seu grau de influência. A exigência de sua presença, mostrou a necessidade de um restudo da estrutura escolar vigente sobre as populações tribais, assim como, a proposta de uma escola que ofereça uma metodologia que atenda a realidade desses grupos.

As escolas indígenas são na verdade uma extensão das escolas rurais, por isso mesmo, sofrem dos mesmos problemas que afligem aquelas, como por exemplo, a não execução de sua tarefa primordial que é, o ensinar a ler, escrever e contar, mas estão orientadas sobretudo para a criação de comportamentos. Ao lado disso, há problemas de ordem prática como por exemplo:

- carência de professores
- nível baixo de escolarização dos professores
- bases físicas da escola deficiente (quase sempre uma única sala de aula)
- aglomeração de alunos de séries e idades diferentes em horários comuns.
- calendários escolar divorciado da realidade social dos grupos indígenas.
- cartilhas e livros que não atendem à realidade dos grupos.
- carência de material didático

Completando esse quadro existem outros problemas que também são comuns às escolas em área indígena. São os enfrentados pelo professor em relação ao aluno e vice-versa, podendo estar assim apresentados:

1. Atitudes do Professor

As atitudes assumidas por um professor de uma escola em área indígena, irá repercutir sobre os demais problemas que enfrentará enquanto agente de um corpo docente maior, a saber, questões que dizem respeito à sua pessoa enquanto professor, i. e., se é rígido, compreensível, interessado ou não em conhecimento da comunidade onde está atuando, se procura interagir com os indivíduos que a compõem ou se manifesta atitudes preconceituosas em relação aos valores, padrões comportamentais do grupo em que atua, atitudes estas, que irão definir em muito o seu papel enquanto professor, pensando sem dúvida, na avaliação que a sociedade tribal fará do mesmo.

2. Problemas ligados ao Sistema de Ensino do qual o professor é um representante.

Neste aspecto estão envolvidos todos os passos da vida escolar. Do momento da matrícula e conseqüentemente a entrada do aluno no Sistema Escolar, até o momento da ruptura com o Sistema que pode estar representado pela sua expulsão. Ou ainda, quando este aluno chega até a 4ª série do 1º grau e que decide prosseguir os estudos na cidade, ou seja, sua entrada na vida urbana. Cada um desses passos merece consideração, daí se fazer necessário uma explicação mais detalhada do mesmo. Senão vejamos:

2.1 Início das aulas/matricula:

O início do ano escolar é sempre retardado ou não pela chegada do professor. Em seguida vem a matrícula, e a cada professor que chega tem lugar a organização de uma Secretaria.

2.2 Sala de aula única/número de horas aula:

As escolas recebem alunos que já tenham completado 7 anos, embora em alguns locais já exista a pré-escola. Nestes os alunos ingressam já com 8 anos completos. Quando isso não ocorre, o critério de divisão das classes pode se agravar devido a existência de uma única sala de aula. O critério utilizado é sempre o de uma turma numerosa com outra que tenha poucos alunos.

2.3 Alfabetização:

Entendemos alfabetização num sentido mais restrito, como sendo a introdução do indivíduo no conhecimento da leitura e da escrita, e num sentido mais amplo todos os outros conhecimentos que uma pessoa deve adquirir para se julgar capaz de ler e compreender um texto, escrever e calcular. O Programa Curricular oferecido, parte do princípio de que a criança já conhece as letras, sabe formar sílabas etc.

Em outras palavras, ele é pensando para uma sociedade letrada, e não uma sociedade baseada na tradição oral, além de ser um programa que vai atender normalmente a uma clientela bilíngüe. Esse fato concorre para que o ato de alfabetizar se torne uma tarefa penosa de ser realizada, o que de certa forma é a resposta para o fato de um aluno indígena passar dois ou três anos na

1ª série sem que, muitas vezes, ao final de tudo, esse aluno esteja habilitado para ler, escrever ou contar, enfim esteja alfabetizado.

2.4 Diferença linguística:

Nesse momento esbarramos com um dos problemas onde o professor e aluno dividem a responsabilidade: a diferença de língua. Ao exigir que uma criança reproduza com suas palavras uma historietta qualquer ou que um aluno domine um determinado número de sílabas, o professor sai da esfera puramente pedagógica e penetra numa ordem mais profunda de problemas.

A diferença linguística se evidencia, com o emprego de uma linguagem específica que cada disciplina exige como por exemplo, a Matemática, Comunicação e Expressão e Ciências. Ao lado disso, está evidente, o conteúdo que essa linguagem expressa, isto é, o conjunto de idéias, valores, normas e medidas que na maioria das vezes estão dissociadas do universo conhecido pelo aluno.

2.5 Programa

Como dissemos anteriormente, um dos obstáculos que os professores enfrentam, é não ter alfabetização. Nesse caso, há sempre duas 1ªs séries - iniciantes e repetentes. O depoimento de um professor permite perceber alguns dos entraves enfrentados por eles ao se referirem ao assunto - "Como o índio a maior dificuldade é a língua ... ainda vai aprender as primeiras letrinhas, como é que a criança vai passar no fim do ano? ... tem de ensinar a pegar no lápis, como escrever ... tem que ser um ano para alfabetizar".

2.6 Aprovação / Reprovação

Sob o ponto de vista pedagógico aprovar ou reprovar são formas de classificar a avaliação de um aluno realizada através de provas e exercícios. A avaliação de um aluno mediante quaisquer dessas medidas funciona como um filtro ou uma peneira no qual escapam os "melhores". A questão seria saber, que categoria se usa para estabelecer quem são eles.

No caso das escolas que pesquisamos, as provas são elaboradas pela Supervisora de Ensino residente em Oiapoque, e que mantém um contato esporádico com os professores que atuam nas escolas das aldeias. O resultado disso,

é que grande parte das questões apresentadas nas provas nem sempre coincidem com o andamento da turma, o que vem ocasionar sempre um grande número de re-provações.

Acreditamos que o tipo de ensino ora ministrado em áreas indígenas, são na grande maioria monolíngües, agravados ainda pelo tipo de escola o que delineamos acima, o que evidencia o tipo de educação dada, ou seja, não a educação do índio mas uma educação para o índio.

Nesse sentido, essa educação é alienante na medida em que não está calcada nos valores da sociedade a qual se destina. Dessa forma, nossa proposta se prende à uma realidade inexorável: o avanço irreversível da civilização sobre as populações tribais. Urge dar a elas o equipamento necessário para que o choque não se faça de maneira tão desastrosa.

A realização dessa pesquisa se baseia em dois aspectos: o primeiro é buscar via educação tradicional dos grupos, um tipo de ensino que venha atender as necessidades dos mesmos. Um trabalho dessa natureza, poderia nos conduzir à novas metodologias de ensino que possa favorecer a eficácia dessa experiência educacional.

O segundo aspecto está relacionado a um caráter mais específico. Trata-se de pesquisar o corpo de conhecimentos e de técnicas com os quais enfrentam e se harmonizam com o meio ambiente em que vivem, bem como, verificar com que categorias mentais de cálculos, medidas, de quantidades, distância, orientação, esses grupos trabalham.

Temos o interesse gnosiológico de estudar a gênese de conceitos, bem como, a cosmovisão desses grupos, mas também o interesse prático de, feito o levantamento, colaborar na elaboração de estratégias visando ao ensino de matemática elementar, de elementos de ciências exatas e naturais, de técnicas agrícolas, de higiene e saúde, de ecologia, assim como, a preservação de recursos naturais.

Esse é um assunto que pertence ao conhecimento dos antropólogos, como pode ser comprovado pelo trabalho de Lévy-Strauss sobre a Ciência do Concreto. No entanto, não tem sido estudado devidamente nem pelos antropólogos nem por outros profissionais. Os primeiros, pelo não treinamento nos campos específicos, e os outros, pela falta de treinamento do fazer sociológico.

Creemos que seria impossível sociedades chamadas pre-científicas ou pré-tecnológicas, enfrentarem ou se harmonizarem com o ambiente em que vivem, sem um corpo integrado de conhecimentos e de técnicas, ainda que, tudo isso, esteja imerso numa mitologia e numa cosmogonia.

Temos no território brasileiro, povos indígenas com vários graus de contato com a sociedade brasileira e com a civilização. Essas etnias necessitam, de acordo com as suas peculiaridades culturais, de instrumentos for-

necidos pela escola para enfrentarem o contrato de maneira menos desastrosa.

Dessa forma entendemos, que é uma questão de justiça, proporcionar meios, para que essas etnias se apropriem do que há de mais avançado na nossa sociedade como forma de cultura universal, sem entretanto, negar o que as mesmas têm de mais genuíno e autêntico nas suas concepções de mundo de conhecimentos e de técnicas.

3 - OS GRUPOS TRIBAIS. WAIÁPI E PALIKÚR

3.1 Waiápi

Os Waiápi do Brasil tem seu território tribal limitado pelas bacias dos rios Araguari e Jari no T. F. do Anapá (Mazagão e Macapá), e norte do Estado do Pará (Município de Almerim). Os Waiápi são de língua Tupi e contam com uma população de 233 indivíduos (Recenseamento de 1980).

A antropologia Dominique Gallois que tem trabalhado com esse grupo há alguns anos estabelece três zonas identificadas como: área do alto Jari, área do rio Nipuku e área do Igarapé da Onça e Aroã (I). A cidade mais próxima das aldeias indígenas é a Serra do Navio, base operacional da ICOMI. Toda a área indígena é cortada pelo tracado da Rodovia Perimetral Norte -BR- 210.

Apesar dos trabalhos estarem paralisados desde 1976, o trecho construído procedente de Macapá atravessa a área Waiápi por 30 Km. É Gallois (1981), quem informar ser este eixo que facilita a invasão nas terras dos índios, especialmente por parte de garimpeiros, ao mesmo tempo que constitui uma pressão crescente sobre a área devido a colonização acelerada de suas margens.

No que se refere à assistência escolar, apenas em 1971, aproximadamente, uma base do Summer Institute of Linguistics (SIL) foi instalada na aldeia Molokopote, os missionários permaneceram por seis meses cada ano iniciando um programa de alfabetização da comunidade. O Summer saiu da área em 1976 e o grupo ficou sem nenhuma assistência até 1978. (2)

3.2 Palikúr

Os Palikúr são um grupo Arikak que habita 4 aldeias ao longo do rio Urucauá no Município de Oiapoque (T. F. do Anapá). Dos grupos que vivem na Reserva do Uaçá, os Palikúr são os únicos que mantêm sua língua tradicional, além do português falado por alguns homens e mulheres e o "patois" (dialeto da Guiana Francesa), falado pela maioria dos homens e mulheres Palikúr. Es-

tes estão distribuídos em quatro aldeias denominadas "vilas", a saber:

Kunenê (Vila do Paulo) - sede do PI (Posto Indígena)

Palikúr

Inawã

Urubu

Tawary

A história escolar registra a 1ª tentativa de estabelecimento de uma escola em 1934, tendo sido seu funcionamento bastante irregular. Durante os anos de 1960/71, o antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) estabelece uma nova tentativa entre esse grupo, não tendo logrado o êxito esperado, voltando a funcionar apenas em 1971-1972, dessa feita, já sob a administração da Secretaria de Educação do T. F. do Amapá.

Apesar do empenho da Secretária em promover uma escola a alfabetização em si, tem sido um fracasso, por razões óbvias, isto é, os professores que são enviados para lá desconhecem a língua, a história dos Palikúr, fazendo com que o tipo de ensino aí ministrado seja mais um "arremedo" do que propriamente uma alfabetização.

Após a atuação do SIL por volta de 1970, a situação mudou um pouco. O conhecimento do português tornou-se mais difundido, continuando a sê-lo, entretanto, entre os homens. O que podemos observar em relação às crianças durante o pouco tempo que estivemos entre os Palikúr (1980 e 1982) é que algumas delas compreendem o português, porém não o falam.

4 - OBJETIVOS

- 4.1 - Buscar uma forma de oferecer uma educação mais ampla através de um novo tipo de escola.
- 4.2 - Buscar via educação tradicional do grupo, as possíveis indicações para a elaboração da proposta educacional que se pretende.
- 4.3 - Buscar uma metodologia que atenda à realidade sócio-cultural dos grupos tribais enquanto minorias étnicas.
- 4.4 - Através da concepção que os grupos têm sobre as coisas e objetos, verificar de que maneira esses indivíduos elaboram os seus conceitos, a fim de que, a partir deles, se tenha condições de observar como são construídos, para que se possa realizar uma co-relação entre eles e os conceitos.

tos próprios da cultura universal, objetivando-se com isso, não somente um conhecimento das formas de pensar de outras sociedades, como também a forma como esses conceitos evoluem.

5 - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa se sustenta essencialmente em trabalhos de campo a ser feita entre os Palikür (Oiapoque) e Waiãpi (Amapá), ambos no T. F. do Amapá. O trabalho será realizado em duas etapas. Na primeira etapa, terá lugar principalmente a observação participante, prevendo-se para esta etapa três meses de duração para cada grupo, sendo desenvolvida em dois momentos:

1º Momento:

Aqui se atentará para as relações que envolvem o ciclo de vida do indivíduo, como por exemplo:

- a) Nascimento, Infância, Puberdade, Idade Adulta, Velhice e Morte
- b) Dentro de cada ciclo as tarefas comuns aos diferentes sexos, ocupações, deveres, participação na comunidade, entendida aqui, pelas formas como se realizam as relações sociais nos grupos, no processo de produção da existência, as práticas rituais, a percepção que o grupo tem sobre o tipo de escola que recebeu até aquele momento em termos de importância, falhas e mudança.
- c) Serão feitas entrevistas abertas com utilização ou não de gravadores segundo roteiros que indiquem os pontos essenciais para o que está sendo o objetivo deste projeto.
- d) Referente às estruturas mentais do pensamento dessas populações, será feito levantamento de dados relacionados com:
 - Formas de utilização do ambiente, recursos usados e possível conhecimento sistêmico sobre o ambiente e sobre os recursos.
 - Gênese de conceitos matemáticos (idéias de quantidade, números e formas)
 - Visão de mundo em termos de astronomia, ciências físicas e naturais (como se orientam, como explicam o movimento, os fenômenos atmosféricos, os ciclos de vida).
 - Visão e apreensão de engenhos e de técnicas fornecidas pela civilização.

- Formas de transmissão de conceitos, de conhecimentos e de técnicas.

2º Momento:

Num segundo Momento, se verificará qual a percepção que os grupos têm sobre o que seja uma escola, não somente em termos das que receberam até aquele momento (em termos de importância, falhas, etc), assim como, qual o modelo que o grupo projeta sobre como seria uma escola.

Pretende-se saber com isso, como se processa dentro da dinâmica social dos grupos a transmissão do saber, como operam as categorias sociais uma em relação às outras (professores e alunos, chefia de Posto e professores, Missionários e Alunos), para se determinar como esse ensino é realizado, o que era privilegiado.

Objetivamos chegar não apenas a um perfil das sociedades estudadas em termos das suas formas de ensino, mas a um indicador que permita o estabelecimento de estratégias de ação para a viabilização de nossa proposta. Nesse segundo momento se fará a apresentação do 1º Relatório de Pesquisa, com um tempo previsto de dois meses para sua elaboração.

A segunda etapa estará dividida em dois períodos, que irão corresponder à ação prática da pesquisa. Ao iniciá-la, já estaremos de posse dos indicadores necessários à execução da proposta do projeto: a instalação da escola. Aqui, já se deve contar com a colaboração de equipes de especialistas, nas áreas de Educação, Linguística, Psicologia, Ciências, História, Geografia e Matemática.

1º Período: (Tempo previsto será de 1 ano)

- 1) Alfabetização na língua tradicional, tendo como temas as atividades concernentes ao universo cultural do indivíduo.
- 2) A escolha de temas culturais será visto como uma forma de chamar a atenção para os valores da sociedade tribal, reeditando assuntos como sejam, a história da formação do grupo e seu processo histórico, ritos, músicas e lendas etc.

IMPORTANTE: Nesse momento a presença dos velhos será fundamental em vista de les serem considerados a memória cultural da sociedade.

2º Período: (Tempo previsto será de 1 ano)

- 1) A alfabetização se fará concomitantemente nas duas línguas (seja Palikúr ou Waiãpi), começando também a elaboração das cartilhas e do restante do material didático. A partir daí, o manuseio das duas línguas será simultâneo durante todo o decorrer do Projeto.
- 2) Após o aluno ser considerado alfabetizado, as classes irão se formando gradativamente, forma pela qual o ensino da cultura universal será também introduzido. Partindo dos temas culturais regionais se fará a correlação com os temas da cultura dominante, dando ao aluno a oportunidade de compreensão da sociedade envolvente e a relação que esta tem com a sua própria.
- 3) Além disso, a escola funcionará como um filtro das mensagens de Projetos e/ou diretrizes que são desenvolvidas entre os grupos tribais. Ela será formada por um conselho de membros da comunidade tribal que estudarão as propostas e verão qual a melhor forma de executá-las. Com isso pretende-se dar a escola o cunho do "saber fazer".
- 4) Paralelo à isso, se atentará para uma atividade educativa dos regionais que interagem com os grupos pesquisados, no sentido de criar condições favoráveis à situação tribal, através de exposições de trabalhos de alunos, festivais etc.

A equipe de pesquisa é constituída por um Coordenador (o responsável), e 1 Assistente de Pesquisa, contando ainda com um Consultor para os assuntos educacionais, e será desenvolvido inicialmente a partir do Departamento de História e Antropologia em conjunto com o Departamento de Física da Universidade Federal do Pará, num prazo de 4 anos a partir do 1º semestre de 1985. À medida que o projeto for sendo encaminhado, outras equipes interdisciplinares e interdepartamentais irão se aglutinando, da mesma forma como se prete de utilizar os monitores e/ou alunos do Curso de História e Antropologia e os alunos do Curso de Física que estiverem interessados na atividade de pesquisa.

6 - DURAÇÃO DA PESQUISA

Tempo previsto será de quatro anos (1985-1988), sendo que o 1º Período terá a duração de dois anos (1985-1986).

7 - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O projeto em questão, presume-se, deverá cobrir um período de quatro

anos aproximadamente. A ação do contato sobre as sociedades tribais deverão trazer modificações ainda mais extensas, permitindo apenas que se esboce sobre as demais fases do Projeto (2º período 1987-1988).

Pode-se considerar no entanto, que ela será um desdobramento dos períodos anteriores, atentando-se para a observação, avaliação e crítica dos mesmos.

NOTAS

- (1) - Gallois (1981), informa que os Waiãpi de Nipuku e Igarapé da Onça e Aroã, ou seja, os grupos meridionais da tribo são designados pelos demais índios da região como Waiãpi-puku. Esta denominação não corresponde entre tanto à auto-determinação do grupo, porém revela uma evolução histórica e relações intertribais que os diferenciam dos Waiãpi setentrionais, i.e., os habitantes do alto rio Jari, do Cuc e do Oíapoque.
- (2) - Segundo informação verbal de Gallois, a FUNAI teria instalado uma escola no su-Posto da FUNAI no local, tendo a mesma funcionado por um período de seis meses apenas. No momento, ao que sabemos, não há uma assistência escolar oficial, havendo no entanto, alguns missionários da Missão Novas Tribos.

BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Florestan.

1977 - "A Educação numa Sociedade Tribal" IN Pereira, Luiz & Foracchi, Marialice M. Educação e Sociedade: leitura de Sociologia da Educação. 8ª Ed. S. P. Nacional p. 168-193.

MELIÁ, Bartomeu

1979 - Educação Indígena e Alfabetização. Ed. Loyola. S. P.

NEVES, Luiz Filipe Baêta

1978 - O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: Colonialismo e Repressão Cultural. Forense Universitária. R. J.

SANTOS, Sílvio Coelho dos

1975 - Educação e Sociedades Tribais. Ed. Movimento. Porto Alegre.

TSUPAL, Nancy Antunes

1978 - Educação Indígena Bilíngüe, particularmente entre Karajá e Xavante: alguns aspectos pedagógicos, considerações e sugestões. Dissertação de Mestrado. UNB.